



Agro brasileiro precisa de novas formas de financiamento e de crédito privado para diminuir insegurança alimentar global

O financiamento e crédito privados são fundamentais para que o Brasil possa exercer seu papel de protagonismo no fornecimento de alimentos e bioenergia, em um momento em que uma das principais preocupações mundiais é o retorno da insegurança alimentar e energética. Essa foi uma das avaliações trazidas pelos especialistas participantes do evento

“Agronegócio: Financiamento, Mercado de Capitais e o Papel do Fiagro”, realizado pela **Dema rest Advogados**

, em parceria com a

Abag

e a

XP Investimentos, nesta terça-feira, dia 30 de maio.

“Precisamos desses mecanismos porque vemos o sofrimento dos produtos rurais com os recursos limitados do Plano Safra. O agro precisa produzir, sem ficar amarrado em questões que podem ser resolvidas, unindo as iniciativas privadas às públicas. A evolução do crédito privado tem nos ajudado e esse é o caminho para sustentar nosso crescimento”, afirmou Luiz Carlos Corrêa Carvalho, presidente **da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)**.

Para Carvalho, além de ampliar os mecanismos de crédito privado, há outros desafios que precisam ser superados no setor, como seguro e armazenamento. “Em um período em que os preços das commodities estão em queda, os produtores não conseguem segurar seus produtos por falta de uma infraestrutura de armazenagem”, destacou.

Nesse sentido, o deputado federal Pedro Lupion, presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), comentou que seria importante que no Plano Safra houvesse uma modalidade específica voltada para a armazenagem, a fim de que os produtores, cooperativas

e cerealistas pudessem realizar os investimentos necessários nessa área. A seu ver, o fato de o produtor vender seus grãos em um preço menor afeta sua rentabilidade. Ele calculou ainda que são necessários cerca de R\$ 25 bilhões de equalização de juros para o Plano Safra, mas que esse valor deve ser menor.

Em seu discurso, Carvalho recordou que o agro brasileiro, entre as décadas de 1960 e 1990, dobrou sua produtividade e ampliou em sete vezes a aplicação de fertilizante, enquanto a frota de tratores setuplicou entre 1970 e 2017. “O desenvolvimento da ciência agrícola para o mundo tropical e de novas tecnologias justificam o salto do Brasil no agronegócio nas últimas cinco décadas, passando de importador de alimentos para o maior exportador líquido de alimentos no mundo”, explicou.

Essa evolução do agro trouxe benefícios ao país e, também, para o comércio global e para as sociedades locais, mas também acentuou a competitividade dos concorrentes internacionais. “Um exemplo é o Green Deal, uma decisão unilateral, fora da lógica da Organização Mundial do Comércio (OMC), com medidas nitidamente protecionistas e precaucionistas. A novidade é a mistura da agenda ambiental nesse processo”, ponderou Carvalho, que enfatizou que o Brasil não pode realizar uma agricultura extensiva como é feita na Europa, pois o mundo tropical é diferente do temperado. “A agricultura intensiva é a melhor para nossa região, pois melhora a biodinâmica do solo, fazendo a diferença de nosso agro perante o mundo”.

Na avaliação de Lupion, o país enfrenta uma guerra de narrativa, com os principais concorrentes criando narrativas com o agro brasileiro. Entretanto, ele pondera que esses concorrentes também são importadores dos produtos brasileiros. “Essa guerra não é positiva, mas vamos superá-la, buscando soluções para isso”, pontuou.

Segundo Thiago Giantomassi, Sócio, Mercado de Capitais, Agronegócios da Demarest, o evento teve o objetivo de mostrar a relevância do agro e o papel do mercado de capitais para financiar o setor. Ele lembrou ainda que as primeiras operações de securitização voltadas ao agronegócio foram realizadas há pouco mais de uma década, o que significa que há ainda muito espaço para crescer.

A programação do encontro contou com as palestras de especialistas como Bruno Gomes, superintendente de securitização, investimentos estruturados e agronegócio da CVM; Bruno Gagliolli, sócio e head de fundos listados da XP investimentos; Bruno Santana, sócio da Kijani Investimentos, Letícia Possari da Silva, diretora de crédito e ferramentas de financiamento a

clientes para América Latina na divisão da Crop Science da Bayer; Luís Felipe Trindade, diretor da Czarnikow, e Pedro Freitas, sócio da área de agronegócio da XP Investimentos.

Atendimento à imprensa:

Mecânica Comunicação Estratégica

Enio Campoi

Cel: (11) 99981-9950 - E-mail: enio@meccanica.com.br

Material distribuído por:

Assessoria de Imprensa:



Tels.: (11) 3259-1719 – Cel. (11) 98364-3346
Email: elizabeth@meccanica.com.br